

# Da Batalha de Curuzu à queda de Humaitá (1866-1868): questões táticas\*

## From the Battle of Curuzu to the fall of Humaitá (1866-1868): tactical issues

**Leandro José Clemente Gonçalves**

*Doutor em História pela Unesp-Franca. Membro do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional GEDES-UNESP. Professor EBT do Instituto Federal de São Paulo – Campus Votuporanga.*

### RESUMO

O presente artigo busca explicar a importância do cerco e queda da Fortaleza de Humaitá para a consecução dos objetivos estratégicos da Tríplice Aliança em sua luta contra o governo de Solano López. Seu enfoque, todavia, é a compreensão dos aspectos táticos que permearam a campanha de cerco contra aquela fortaleza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humaitá; Paraguai; guerra

### ABSTRACT

The present article seeks to explain the importance of the siege and fall of Humaitá's fortress to the achievement of the strategic objectives of the Triple Alliance in its fight against the government of Solano López. His focus, however, is on understanding the tactical aspects that permeated the siege campaign against that fortress.

**KEYWORDS:** Humaitá; Paraguay; war

Existe profunda suspeita de que escrever sobre a guerra é aprová-la, mesmo glorificá-la – uma suspeita não infundada na história da escrita da história militar. Mas reconhecer a importância de um objeto no estudo do passado não significa aprová-lo, como qualquer historiador do Holocausto atestaria.<sup>1</sup> (Stephen Morillo e Michael F. Pavkovic)

### HÁ SENTIDO EM ESTUDAR BATALHAS?

O estudo da guerra em geral, ou mesmo de uma só batalha em particular, pode, como afirmam acima Morillo e Pavkovic, despertar graves suspeitas de que o pesquisador ligado à história militar teria simpatias pelo fenômeno da guerra. Tal desconfiança, que é comum no convívio acadêmico em relação aos pesquisadores da história militar e da guerra, é fruto, no Brasil pelo menos, de anos de regime militar e da persistência de uma distorcida percepção da história da guerra, que é pouco científica e muito mais propagandística das pretensas virtudes bélicas nacionais.

---

\* Artigo recebido em 16 de maio de 2018 e aprovado para publicação em 04 de junho de 2018.



Quanto à pergunta que contém este subtítulo, respondemos afirmativamente, pois acreditamos que, do início dos anos 1980 em diante, mais precisamente após as rápidas vitórias obtidas pelos ingleses na Guerra das Malvinas (1982) e pelos americanos e seus aliados no Golfo Pérsico (em 1991 e, depois, em 2003), aumentou a necessidade de novos estudos sobre o desenvolvimento tecnológico dos armamentos e da tática em geral para melhor se compreender seu impacto sobre o resultado do conflito armado, levando a que tanto militares quanto cientistas sociais e historiadores em geral não fiquem alheios à compreensão das causas que incidem sobre a vitória e a derrota numa guerra.

Mais do que isso, entretanto, acreditamos, como Jacques Le Goff, que "começa a haver uma história nova do fenômeno militar", assim, do estudo de uma dada batalha, numa determinada guerra, podemos extrair informações sobre os métodos de combate empregados pelas unidades em ação (a tática), os modelos mais usuais e mais eficientes de armamentos – ou mesmo os defeitos mais ordinários destes –, podemos saber, ainda, quais eram as formas mais comuns de morte ou ferimento, o tipo de tratamento médico-hospitalar a ser dispensado aos feridos, os mais usuais serviços funerários – sepultamento, cremação (em massa ou individual) ou mesmo abandono dos mortos em campo –, enfim, podemos saber como viviam e morriam os homens e mulheres que fizeram esta ou aquela guerra, quais eram seus anseios, suas paixões políticas e religiosas, seu cotidiano, os costumes e crenças pelos quais lutaram, mataram e faleceram.<sup>2</sup>

No intuito de reconstruir tal passado, o historiador militar – aquele que se interessa pela temática da guerra e não somente aquele que é militar profissional – pode se utilizar de uma série de fontes, que vão desde relatórios de combate e memórias oficiais (produzidos pela própria instituição armada envolvida na luta) até memórias individuais (diários e reminiscências) e correspondências pessoais. No caso do presente artigo, nos utilizamos de memórias pessoais, da historiografia pós-guerra mais dedicada a questões estritamente bélicas e da atual historiografia pós-revisionista.

Entre aqueles trabalhos do pós-guerra, salientamos os de Beverina (1933), Fragoso (1958) e Souza (1929), não somente porque eram militares preocupados com questões mais propriamente técnicas, relacionadas ao combate em si, mas porque a historiografia mais recente têm se dedicado mais às questões diplomáticas – especialmente ligadas as causas e origens da guerra de 1864-1870 –, de gênero, culturais, econômicas e políticas que permearam o conflito<sup>3</sup>. Seria injusto, porém, não registrar que trabalhos de uma safra mais recente, como os de Doratioto (2002) e Leuchars (2002), dão um tratamento magistral às questões relacionadas ao combate e ao dia a dia do campo de batalha.

Servindo-se de tais materiais, o objetivo do presente trabalho é contribuir com a discussão sobre a vitória tática e estratégica aliada na luta para ultrapassar o gigantesco obstáculo constituído pela Fortaleza de Humaitá, no Rio Paraguai. Dessa forma, esperamos auxiliar com alguns subsídios que lancem luz sobre uma discussão mais voltada às questões táticas que cercaram o cerco de Humaitá, pretendendo jogar um pouco de esclarecimento sobre as razões da vitória brasileira.

### **BATALHAS DE CURUZU E CURUPAITI (Setembro de 1866)**

Desde seu desembarque em Passo da Pátria, iniciado em 17 de abril de 1866, as Forças Terrestres da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) ficaram praticamente imóveis na porção extremo Sul do Paraguai, devido tanto às comodidades logísticas que tal posição proporcionava, facilitando o contato entre aquelas Forças e a cadeia de abastecimento montada pela Marinha Imperial Brasileira, quanto às indecisões no alto comando aliado sobre o que fazer a seguir e ao desconhecimento do terreno. Nessa fase da guerra, embora na defensiva estratégica, os paraguaios ainda faziam muito uso de uma ofensiva tática. Posicionados em sua praça forte de Humaitá, saíam daí, como no caso da Batalha de Tuiuti, para acossar as Forças aliadas e tentar derrotar sua invasão. Uma das primeiras iniciativas aliadas para mudar essa situação de paralisia tática e tomar a iniciativa foi o plano

para abordar a Fortaleza de Humaitá pelo sul, contando com o forte apoio de fogo e mobilidade proporcionados pela Esquadra Imperial para deslocar um expressivo contingente argentino e brasileiro pelo Rio Paraguai, desembarcando-o nas proximidades da trincheira paraguaia de Curuzu.

Ambas localizavam-se na margem esquerda (leste) do Rio Paraguai e, a princípio, tinham por finalidade cobrir Humaitá (centro do sistema defensivo de Solano López, que vedava a navegação naquele rio) contra a aproximação da Esquadra Imperial e das forças terrestres aliadas.

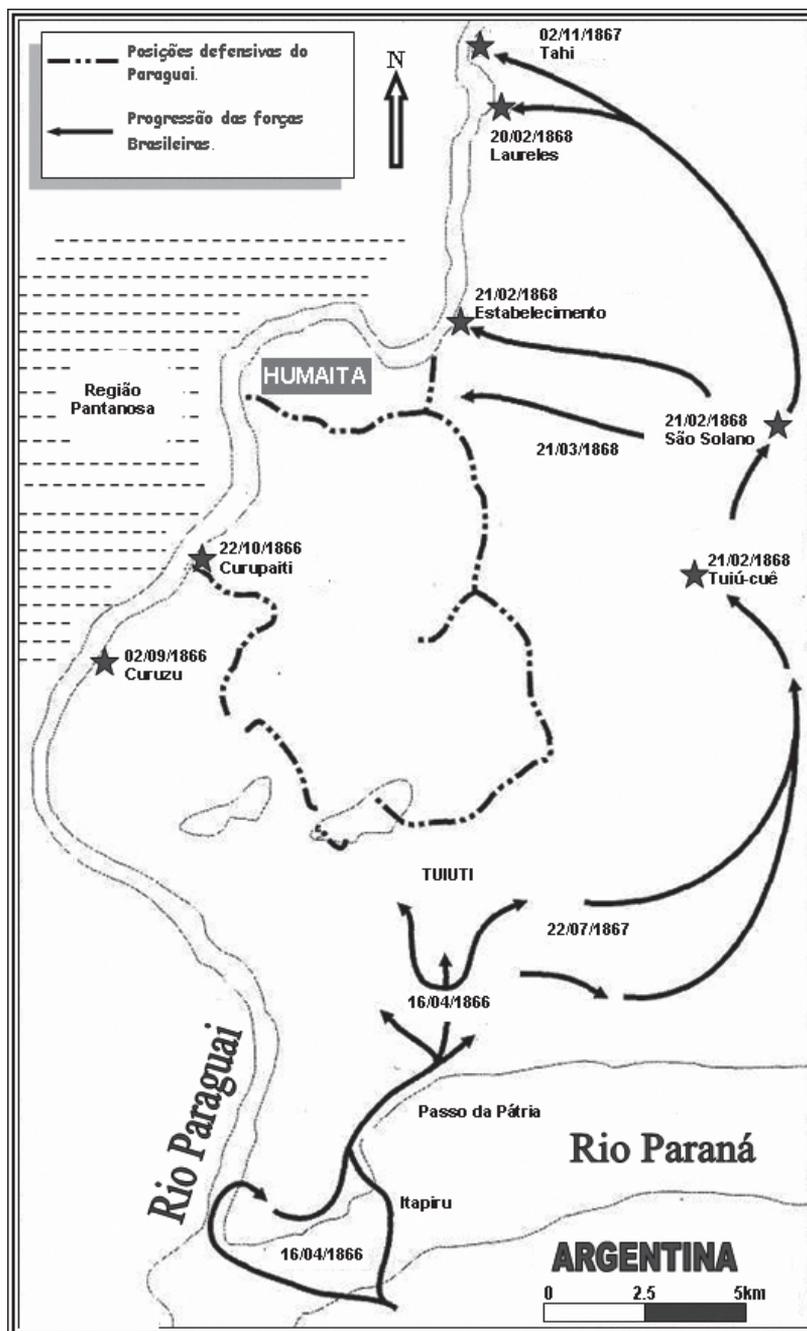


Figura 1 – Teatro de Operações (1866-1868) – Fonte: Wikipedia<sup>4</sup>

Curuzu, a posição mais meridional (1760 metros ao sul de Curupaiti)<sup>5</sup>, foi construída com uma bateria de três canhões apontados para o rio e uma trincheira que lhe cobria toda a frente terrestre contra um eventual desembarque aliado que tentasse tomá-la. Tal trincheira tinha cerca de 900 metros de comprimento (sentido leste–oeste) e assentava seu flanco direito na barranca do rio e o esquerdo numa lagoa. O terreno imediatamente a sua frente era plano e facilmente batido pelo fogo de seus defensores. Possuía, ainda, um fosso frontal de dois metros de profundidade por dois de largura e um para-peito de quatro metros de largura por dois de altura, onde estavam abrigados seus cerca de 2.500 defensores quando da batalha.

Curupaiti, por sua vez, era uma posição muito mais forte, pois estava assentada num terreno bastante elevado, muito vantajoso para seus defensores. Contava com fortificação paralela ao rio, com 13 canhões. Estendendo-se por terra, na direção leste (até a Lagoa Mendez) havia uma trincheira de 900 metros que, no dia da batalha (22 de setembro de 1866) estava guarnecida por 5.000 homens e 36 peças de artilharia. Tinha para-peito mais elevado e fosso mais largo e profundo do que Curuzu, além de contar com uma trincheira que lhe cobria a frente e, entre esta e a trincheira principal, uma enorme linha de *abatisses* (que são troncos de árvores derrubadas cuja galhada é voltada na direção de um inimigo que ataca, para dificultar-lhe o avanço) que fechava o acesso a Curupaiti quase completamente<sup>6</sup>.

O terreno interposto entre as duas posições era de difícil travessia por ser alagado, além de praticamente desconhecido dos aliados.

Assim descrito o cenário, passaremos ao drama desenvolvido.

Ao analisar os fatos em torno da Batalha de Curupaiti, muitos historiadores enfatizaram as querelas políticas entre os aliados (especialmente entre o Almirante Tamandaré e o General Porto Alegre, de um lado, e os Generais Bartolomé Mitre, Polydoro Jordão e Venâncio Flores, de outro) como forma de justificar o desastre ocorrido com as tropas argentinas e brasileiras frente aos soldados de Solano López<sup>7</sup>. Nossa intenção é contri-

buir com subsídios para uma outra razão, de caráter propriamente tático, relacionada às condições de combate das guerras da segunda metade do século XIX e do cenário da batalha de 22 de setembro de 1866, propriamente dita, que explique o ocorrido naquele campo de peleja sul-americano – sem, com isso, desqualificar qualquer versão que valorize um olhar mais político sobre as causas da tragédia.

A Batalha de Curupaiti (22 de setembro de 1866), durante o curso da Guerra do Paraguai, foi uma expressiva vitória obtida pelas armas guaranis às custas dos aliados (brasileiros e argentinos). Tal combate pode ser compreendido como a expressão da superioridade da defensiva entrincheirada sobre o assalto frontal – mesmo sendo os defensores dotados de armamento de qualidade (alcance e precisão) inferior ao dos assaltantes.

### **BATALHA DE CURUZU (3 de setembro de 1866)**

Em agosto de 1866, quando o Alto-Comando aliado optou pela operação conjunta entre a Esquadra (sob comando do Almirante Tamandaré) e o Exército Brasileiro (2º Corpo de Exército, sob comando do General Manuel Marques de Souza, Barão de Porto Alegre, que havia chegado em julho ao Paraguai, vindo do Rio Grande do Sul) contra as fortificações guaranis na margem esquerda do Rio Paraguai, a intenção era abrir uma brecha nas defesas de Solano López que deixasse seu flanco direito, assentado na margem esquerda do Rio Paraguai, exposto ao avanço aliado, possibilitando cortar o grosso de seu Exército, nas linhas de Rojas em frente ao acampamento aliado em Tuiuti, de seu principal baluarte defensivo: a Fortaleza de Humaitá. Os generais aliados pareciam querer, então, obter a iniciativa de operações ofensivas, que até aquele momento esteve com López, quando este desfechou os golpes de mão de Esteiro Bellaco, Tuiuti, Boqueirão e Sauce, entre maio e julho de 1866 – embora os paraguaios se achassem numa defensiva estratégica, sua opção era, então, a ofensiva tática<sup>8</sup>.

Antes do desembarque das tropas do 2º Corpo, a Esquadra Imperial bombardeou a bateria fluvial e a trincheira de Curuzu, no

intuito de “amaciar” a posição para o assalto que se seguiria. Durante a operação de bombardeio a Marinha perdeu o navio Encouraçado *Rio de Janeiro*, afundado devido à explosão de um torpedo em sua popa. Tais engenhos já haviam sido utilizados na Guerra Civil Americana (1861-1865) com algum sucesso – na Guerra do Paraguai esta seria a única belonave perdida dessa maneira<sup>9</sup>. Por “torpedo”, entendia-se a mina submarina, e não um projétil submarino como é atualmente. Tais engenhos foram utilizados pela primeira vez na Guerra da Crimeia (1853-1856), mas com algum êxito somente desde a Guerra Civil Americana. Ao longo do conflito o Presidente paraguaio, Solano López, não hesitou em utilizar o trabalho de técnicos estrangeiros, como George Frederick Masterman, para produzi-los e lançá-los contra os navios imperiais. A Esquadra Imperial também contratou um especialista estrangeiro, James H. Tomb, oficial veterano da vencida e dissolvida Marinha dos Estados Confederados da América do Norte (CSA), para localizá-los e desativá-los.

Com a posição previamente batida pela Marinha, o Exército tomou-a no dia 3 de setembro de 1866. O assalto, com uma carga frontal de infantaria com baionetas caladas nos fuzis, revelou-se, embora vitorioso, extremamente custoso para os atacantes (provocando 10% de baixas no efetivo total empregado, com 8.300 homens), pois a artilharia defensiva não havia sido silenciada pelo bombardeio da Marinha, assim como este não havia desalojado os 2.500 defensores da posição. A tomada da trincheira foi possibilitada por uma manobra de flanqueamento pela esquerda dos paraguaios, através da lagoa que acreditavam ser invadável – sendo que três batalhões (34<sup>a</sup>, 47<sup>a</sup> e 29<sup>a</sup> de Voluntários da Pátria) foram lançados por esse lado, quebrando a resistência do 10<sup>o</sup> Batalhão de Infantaria paraguaio e tomando a posição<sup>10</sup>.

Apesar da temeridade que possa parecer tal ação aos olhos do século XXI, o pensamento militar do século XIX consagrava um lugar de elevada estima e respeito pela carga frontal com o frio aço das baionetas – como se pode observar em várias batalhas onde tal arma alcançou fama de eficiência,

como no cerco de Sevastopol, na Guerra da Crimeia (1853-1856), ou em Solferino, no conflito Franco-Austríaco de 1859<sup>11</sup>.

Dentre as razões que levaram à vitória brasileira em 3 de setembro de 1866, o Coronel Juan Beverina, do Exército Argentino, cita: a grande largura do parapeito paraguaio, que impossibilitou o fogo de enfiada dos defensores quando os brasileiros encostaram no muro; o fato de Curuzu estar totalmente fora da cobertura da artilharia da posição principal, Curupaiti; a inexistência de uma infantaria paraguaia de reserva para lidar com uma eventual penetração inimiga na trincheira; e, por fim, a opção do General Porto Alegre em dispor seus soldados em extensas e estreitas linhas de ataque, impossibilitando que os poucos defensores paraguaios fizessem fogo concentrado sobre algum setor da linha de ataque<sup>12</sup>.

### **BATALHA DE CURUPAITI (22 de setembro de 1866)**

Segundo o engenheiro inglês George Thompson, López havia lhe dado ordens para reforçar a posição de Curupaiti por volta de 8 de setembro, com a construção de uma trincheira mais consistente, 5.000 homens e muita artilharia. Isso porque, “se os aliados tomassem Curupaiti, ficariam à retaguarda do restante do Exército paraguaio”, nas linhas de Rojas<sup>13</sup>.

No intuito de obter tempo para a conclusão da obra, López convidou Mitre (presidente argentino e supremo comandante aliado no Paraguai) para deliberar sobre um acordo de paz numa conferência em Yatayty-Corá, em 12 de setembro. Após a reunião, Mitre ainda pensou até o dia 14 para responder negativamente às propostas do presidente paraguaio. Além disso, as já mencionadas disputas de cunho mais político do que militar entre os comandantes aliados retardaram o ataque à posição até o dia 17 de setembro. Nessa data, porém, começou intensa chuva que durou até o dia 20, quando foi feita a opção por dar tempo para que o terreno secasse um pouco. Assim, o ataque só ocorreu em 22 de setembro, um dia após os paraguaios terem completado suas novas defesas em Curupaiti.

Entre os dias 11 e 13 de setembro, Mitre havia se transferido com 9.000 soldados argentinos, 12 peças de artilharia e uma brigada brasileira de 2.000 homens, para Curuzu, onde assumiu o comando da operação preparatória para o assalto.

No plano de ação dos aliados estavam contempladas três iniciativas para o dia 22: o ataque frontal contra Curupaiti (sob comando de Mitre), uma demonstração de força das tropas aliadas em Tuiuti (sob comando de Polydoro Jordão) e um avanço de cavalaria, com 3.500 soldados, pela extrema esquerda das defesas paraguaias de Rojas (sob comando de Venâncio Flores), para explorar aquele flanco inimigo e buscar a junção, através da retaguarda paraguaia, com os assaltantes de Curupaiti<sup>14</sup>.

No dia 22, após quase quatro horas de bombardeio naval, as tropas aliadas receberam o sinal combinado com a Esquadra para locomoverem-se em direção ao inimigo entrincheirado. Durante outras quatro horas, bateram-se contra um inimigo fortemente protegido que lhes impôs pouco mais de 4.000 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos. Chris Leuchars nos fala de 50% de baixas entre os efetivos argentinos e 20% entre os brasileiros, mas chama atenção para o fato de que estes não correspondem ao total de homens que estava em Curuzu, mas ao total realmente empregado na refrega, sendo que em números inteiros as perdas foram semelhantes (2.011 brasileiros e 2.082 argentinos)<sup>15</sup>. Pelo lado paraguaio, as perdas chegaram, segundo Thompson, a 54 mortos, vitimados principalmente pelo fogo dos mosquetes dos brasileiros postados na margem direita do Rio Paraguai<sup>16</sup>.

Vários foram os elementos que contribuíram para a catástrofe aliada em 22 de setembro de 1866, fazendo com que não possamos, portanto, atribuir culpas somente aos comandantes e suas rivalidades de cunho político. Antes, deve-se procurar compreender as condições táticas próprias do combate de meados do século XIX.

O General Fragozo, por exemplo, nos mostra que Curupaiti ocupava posição já naturalmente forte, pois era elevada e, dessa maneira, dominava o terreno em frente, porém, salienta que os paraguaios reforça-

ram-na de tal maneira entre os dias 8 e 21 de setembro que ela se tornou praticamente inacessível para quem vinha de Curuzu. O traçado da trincheira principal era marcado por reentrâncias – ao contrário de Curuzu, cuja trincheira era praticamente uma linha reta – que possibilitava o tiro de enfiada (aquele que é feito quando se está em posição bastante protegida e vantajosa em relação ao inimigo, que não pode ou dificilmente consegue se proteger) contra assaltantes que eventualmente entrassem no fosso e se encostassem no sopé do parapeito. Em virtude das chuvas que caíram entre 17 e 20, o terreno entre Curupaiti e Curuzu estava encharcado, tornando sua travessia uma verdadeira provação para os soldados aliados. Por fim, Fragozo destaca os erros cometidos pelos aliados. Entre estes: o fato de realizarem reconhecimentos muito superficiais, não descobrindo sequer a natureza do terreno que teriam que atravessar; a artilharia terrestre aliada era muito limitada, em quantidade e poder de fogo para causar qualquer estrago de proporções consideráveis entre os defensores; o tempo que os aliados “concederam” aos homens de López para que reforçassem a posição, devido às disputas estéreis e às deliberações de paz após a conferência de Yataty-Corá<sup>17</sup>.

O Capitão Octaviano P. de Souza, por sua vez, não aceita a alegação, muito usual após a Batalha de Curuzu, de que faltaram meios móveis (cavalos, mulas e bois) aos brasileiros para que tomassem Curupaiti imediatamente após 3 de setembro, pois o terreno entre as duas posições só possibilitaria a transposição por infantaria. Acrescenta que a presença de vários batalhões no Chaco (margem direita do Rio Paraguai) teria causado danos bem maiores aos paraguaios e seriam muito mais eficazes, pois a maioria das baixas guaranis foram provocadas pelo fogo de enfiada dos mosquetes raiados dos homens dos 16<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> Batalhões brasileiros. Mostra que a linha de *abatises* era um obstáculo impenetrável para um assalto frontal. Conclui, num breve resumo, quais teriam sido as causas imediatas da derrota: atraso em atacar a posição logo após a queda de Curuzu; reconhecimentos mal conduzidos que levaram a informações

incompletas e equivocadas sobre a posição inimiga; ineficácia do bombardeio naval de 22 de setembro; a força da posição paraguaia; carência de artilharia terrestre de grosso calibre entre os aliados; a formação de uma maciça linha de assalto aliada para atravessar o campo, proporcionando grandes e múltiplos alvos à artilharia paraguaia em posição elevada e atirando de enfiada contra os assaltantes; e, finalmente, o fato do ataque ter ocorrido a luz do dia e não durante a noite, quando esta seria, para Octaviano, a alternativa mais aconselhável – embora se possa criticar tal afirmação com a simples constatação de que o comando e o controle durante a noite são muito mais difíceis do que durante o dia<sup>18</sup>.

Chris Leuchars trata das mesmas qualidades das fortificações de Curupaiti (fosso, parapeito, linha de *abatisses*, terreno alagado, pesada artilharia, presença de muita infantaria) que os demais autores. Destaca, entretanto, o descuido dos aliados em não destruir a linha de *abatisses* com sua artilharia antes de lançarem seu assalto. Nos mostra, também, que as tropas de assalto estavam sobrecarregadas e, portanto, eram demasiadamente lentas. Por fim, chama atenção para o fato de que o único problema sério dos paraguaios era selecionar alvos entre as mais variadas opções que se lhes apresentavam para destroçar brasileiros e argentinos.

O Tenente-Coronel Juan Beverina, por fim, deixa a culpa da derrota recair especialmente sobre a Marinha Imperial, cujo comandante, Almirante Tamandaré, havia prometido arrasar, com a artilharia de grosso calibre a bordo de seus encouraçados, toda a área de Curupaiti, mas não poderia fazê-lo porque não dispunha de observação – dado que dos navios da Esquadra não era possível verificar os estragos naquele terreno tão elevado em relação ao rio – e comunicações adequadas para tanto. Beverina não isenta, entretanto, Mitre, a quem acusa de ter conduzido um ataque suicida contra trincheiras que não haviam sido adequadamente reconhecidas e com tropas sobrecarregadas de materiais como escadas e faxinas, que eram utilizadas para preencher os fossos e possibilitar a travessia dos mes-

mos pela infantaria – isso porque as tropas de pontoneiros e sapadores (soldados de engenharia) haviam ficado para trás, protegendo os canhões aliados<sup>19</sup>.

Acreditamos ser interessante deixar aqui um testemunho ocular sobre as vantagens defensivas da posição de Curupaiti, do então Tenente da Marinha Arthur Silveira da Motta:

A posição era naturalmente tão forte, que quatro ou cinco mil homens de boa tropa com uma dúzia de canhões, atrás de uma trincheira de pouco relevo, que a natureza do terreno permitia levantar em vinte e quatro horas, bastavam para resistir a um ataque na proporção de um contra dez. Isto não quer dizer que a posição fosse inexpugnável, mas sim que não poderia ser tomada sem sacrifício de quinze ou vinte mil homens, que era o número total dos assaltantes. [...] Tive ocasião de percorrer grande extensão do descampado por onde avançaram as nossas colunas, se não no dia do ataque, mas poucos dias depois, indo como parlamentar às avançadas inimigas, com uma comunicação do Almirante a López relativamente à suspensão de hostilidades durante o tempo necessário para a nossa linha de bloqueio ser transposta por um navio de guerra americano que conduzia o Ministro Washburn. [...] finalmente, depois que López concentrou seu Exército em Humaitá, percorri as trincheiras das quais havíamos recuado e grande parte do terreno que elas dominavam só acessível por alguns passos entre banhados profundos. Os assaltantes tinham de estreitar nesses passos a ordem em que avançaram e ali eram fulminados pela metralha, enquanto procuravam remover os *abatisses* para se estenderem de novo. Um espectador imparcial da Batalha de Curupaiti nada teria tido que admirar na resistência do inimigo protegido por suas trincheiras em posição tão vantajosa.<sup>20</sup>

## **O COMANDO DE CAXIAS E A ESTAGNAÇÃO DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS (outubro de 1866 a julho de 1867)**

Após a derrota frente à Curupaiti, Polydoro, Tamandaré e Flores retiraram-se de suas posições de mando, além disso, o Marquês de Caxias assumiu o comando unificado dos 1º e 2º Corpos de Exército e da Esquadra (que passou ao comando do Visconde de Inhaúma, Joaquim José Ignácio), e deu início, com o suporte do General Osório, à organização do 3º Corpo no Rio Grande do Sul.

Caxias chegou a Tuiuti em 18 de novembro de 1866 e deu início a várias mudanças. Na viagem de ida, reorganizou o serviço hospitalar e os depósitos do Exército no Uruguai e na Argentina. Chegando ao Paraguai, constatou as profundas diferenças administrativas entre os 1º e 2º Corpos de Exército brasileiros, ao ponto de afirmar posteriormente que “pareciam pertencer a diferentes nações”<sup>21</sup>.

As condições sanitárias, disciplinares e materiais do Exército eram tais que Caxias teria, necessariamente, que gastar tempo para corrigi-las e só posteriormente pensar em abrir operações contra o inimigo. Temos, no texto de Forjaz, a descrição do quadro tenebroso em que se encontrava o Exército Brasileiro:

O Exército estagnava depois de Curupaiti. A ociosidade levava ao vício e ao relaxamento. A tropa não andava; desandava. O comércio e a prostituição imperavam, explorando o dinheiro dos soldados nos momentos de folga. Foram tantas as trocas de peças de uniforme em escambo que muitos andavam descalços e seminus.

A higiene quase não existia. Não havia água tratada [...] O estado sanitário da tropa era tão precário que os aliados perderam mais de um terço de seu efetivo vítima de enfermidades. [...] O cólera dizimava mais do que os projéteis do adversário e cerca de um terço de seu contingente achava-se enfermo.

A cavalaria estava desmontada. Os cavalos remanescentes sobreviviam das pastagens naturais,

pobres em nutrientes. Forragem praticamente não havia. O armamento era deficiente e ruim. Bastava inutilizar a vareta do fuzil Minié para deixá-lo inoperante. [...] A partir de então, as hostilidades teriam um novo curso. O novo comandante em chefe [...] reorganizaria tudo, mesmo que lentamente, afiaria a espada para depois partir celereamente atrás do oponente.<sup>22</sup>

Reconhecendo o elevado valor da fortificação de campo, Caxias providenciou o reforço dos entrancheamentos aliados em Tuiuti – dado que também era seu plano realizar uma marcha pelo flanco esquerdo paraguaio e sitiar Humaitá, deixando em Tuiuti apenas uma pequena guarnição que pudesse defender a base por meio de boas fortificações –, com a construção de um reduto central e de linhas telegráficas que interligassem estas novas posições. Paralelamente, implantou um serviço de observação com balões cativos para mapear as posições paraguaias e, dessa forma, solucionar parte do problema do desconhecimento cartográfico.

Eram, portanto, múltiplos os problemas que exigiam solução e várias as tarefas a realizar. Demandava-se tempo! A imprensa da corte, em especial, passou a criticar severamente o marquês pela morosidade em iniciar operações, contudo os jornalistas não compreendiam as questões que cercavam o teatro de operações.

### **A MARCHA DE FLANCO (Julho de 1867)**

Contando com novos efetivos imperiais e com uma cavalaria reconstituída – com 3.000 cavaleiros montados sobre animais criados a alfafa e milho –, Caxias partiu com 21.500 brasileiros, 6.000 argentinos e 600 orientais, deixando 10.000 homens do 2º Corpo guardando Tuiuti<sup>23</sup>.

Seu projeto consistia cercar Humaitá cortando-a de qualquer contato com Assunção ou outras tropas paraguaias. Tal plano foi explicado ao General Osório em correspondência de 4 de abril de 1867, quando ainda era esquematizado

[...] tendo o inimigo concentrado toda a sua defesa nas matas próximas ao Rio Paraguai, fortificando-as consideravelmente [...] seria um contrassenso irmos fazer-lhe a vontade, procurando-o justamente no único lugar em que ele nos pode resistir. Daquele modo, me parece que López não terá senão duas resoluções a tomar: ou abandona sua linha fortificada, e reunir suas forças para nos ir dar uma batalha campal, ou atacar as forças que eu deixar guardando a linha que ocupamos. Se tomar a primeira, saindo ao nosso encontro, terá que abandonar suas trincheiras; então as forças que aqui [Tuyuty] ficarem as poderão tomar com pouco prejuízo. Se, pelo contrário, vier com toda a força atacar a nossa atual linha, nos dará tempo para avançarmos pelo seu flanco esquerdo, e tomar-lhe a retaguarda antes que possa retirar-se. E, mesmo quando ele se julgue tão forte, que nos tente bater em detalhe, será isso para nós de muita vantagem, porque, do primeiro ataque que empreendesse, sairia tão mutilado que nos seria depois mais fácil aniquilá-lo.<sup>24</sup>

Esta apreciação de Caxias confirmou-se a 3 de novembro de 1867 na segunda Batalha de Tuiuti, quando López, tentando aliviar o cerco promovido pelos aliados – no dia anterior, tropas aliadas haviam chegado até Taii (ou Tagy), na margem esquerda do Rio Paraguai ao norte de Humaitá, ameaçando-a seriamente com o isolamento – procurou atacar a base de operações aliada em Tuiuti, então guardada por forças do 2º Corpo de Exército, sob comando de Porto Alegre.

### **SEGUNDA TUIUTI (3 de novembro de 1867)**

Os paraguaios notaram que, com o grosso do Exército aliado espalhado entre Tuyu-Cuê – onde Caxias instalou seu quartel-general – e Taii, na margem esquerda do Rio Paraguai, Tuiuti passava a ser um alvo fácil de ser atingido. O pensamento de López era atacá-la para

cortar a retaguarda de Caxias, ou, pelo menos, forçá-lo a retroceder, atrapalhando sua marcha de flanco para sitiar Humaitá.

Após obterem uma surpresa inicial, capturando as duas primeiras linhas de trincheiras aliadas, que se achavam fracamente guarnecidas, os 8.000 soldados paraguaios entregaram-se ao saque de Tuiuti e do Passo da Pátria – além do que, a visão das tropas brasileiras e argentinas fugindo em pânico levou os soldados de López a uma perseguição desenfreada e desorganizada. Além disso, o Barão de Porto Alegre pôde reunir seus homens no reduto central de Tuiuti – mandado construir por Caxias – para fazer resistência ao ataque e recebeu reforços de Tuyu-Cuê, podendo, dessa forma, repelir aquele que seria o último assalto paraguaio em grande escala contra posições fortificadas aliadas.

Em três horas de refrega (das 6h às 9h) 2.000 soldados brasileiros resistiram dentro do reduto central, suportando 800 mortos ou feridos e 233 homens do 4º Batalhão de Artilharia a pé que, tentando defender um forte na direita das linhas aliadas, foi obrigado a render-se quando os paraguaios se aproximaram, pois os soldados desta unidade dispunham somente de mosquetões sem baioneta para sua defesa pessoal.<sup>25</sup>

Contudo, pode-se considerá-la uma vitória aliada, dado que os paraguaios não somente não alcançaram seu intento como, também, a perda de cerca de mais 2.400 homens obrigou-lhes, em seguida, a reduzir o perímetro defensivo externo de Humaitá e reconcentrarem-lhe em seu interior.

### **O CERCO E A QUEDA DE HUMAITÁ (2 de novembro de 1867 a 25 de julho de 1868)**

A tomada de Humaitá era vital, desde o início do conflito, para que os aliados franqueassem a navegação no Rio Paraguai e seguissem até Assunção. Com este intuito, o Exército aliado, sob comando integral de Caxias desde 13 de janeiro de 1868, e a Esquadra Imperial sob comando do Almirante José Ignacio (Visconde de Inhaúma), contando com navios blindados (encouraçados e monitores, sendo estes navios de baixo

calado e pouco perfil) realizaram várias operações combinadas neste período.

López, percebendo o inexorável estrangulamento de sua guarnição em Humaitá, manda, por sua vez, que se construa na margem direita do Rio Paraguai, entre Timbó e Monte Lindo (ambos no Chaco), uma estrada cujo propósito inicial era suprir a fortaleza, mas que, posteriormente, foi usada para evacuá-la.

Em 19 de fevereiro de 1868, uma parte da Esquadra força as passagens de Humaitá e Timbó (esta, à direita do rio) e chega a Taii para unir-se às Forças Terrestres; no mesmo dia, o reduto paraguaio do Estabelecimento (reduto Cierva) é atacado e conquistado, apertando ainda mais o perímetro do cerco aliado sobre Humaitá. Notando isso, López retira-se de seu principal baluarte, com 12 mil soldados, através de sua estrada no Chaco, em 3 de março de 1868 – pouco depois é seguido pelos Generais Resquim e Barrios, com mais de 10 mil homens – seu destino é San Fernando, ao norte de Humaitá e entre esta e Assunção.

Reconhecendo o plano e as ações de López, Caxias envia tropas ao Chaco, com apoio de navios da Esquadra, para barrar a fuga. Neste intuito, foram conduzidas operações anfíbias combinadas – é também interessante notar que, pela segunda vez na campanha, as Forças brasileiras a oeste do Rio Paraguai fizeram uso de uma linha ferroviária para se suprirem entre seus aquartelamentos<sup>26</sup>.

Por outro lado, Caxias ainda tem que lutar contra inconvenientes logísticos que lhe atrapalham as operações. Após a passagem da Esquadra por Humaitá, esta tinha que ser suprida em Taii com munições, alimentos e carvão, que eram trazidos por terra de Tuiuti, num trajeto de cerca de 12 léguas (80 quilômetros)<sup>27</sup>.

Com o propósito de apertar ainda mais o cerco e reduzir as distâncias para a logística da Esquadra, Caxias ordena que os Generais Argolo Ferrão (no comando do 2º Corpo); Osório (dirigindo o 3º Corpo) e Gelly y Obes (Exército Argentino) ataquem, respectivamente, Sauce/Curupaiti, Espinilho e Ângulo, que eram as principais posições fortificadas que cobriam o Sul de Humaitá.

Tal assalto se dá em 21 de março de 1868, tendo como resultado na tomada daquelas áreas, já francamente defendidas, pois haviam em Humaitá apenas 8.000 homens com 200 peças de artilharia para cobrir todos os lados<sup>28</sup>.

Uma vez isolada Humaitá, cabia a Caxias a opção de deixá-la render-se pelo esgotamento dos recursos de seus defensores ou tomá-la, após bombardeio preparatório, num assalto. Muitos de seus generais subordinados, contudo, não estavam propensos a apoiarem um assalto. O General Argolo, por exemplo, escreveu:

Que nos faria ganhar o assalto precipitado? Alguns dias de adiantamento? E de quantos necessitaríamos depois para prosseguirmos? Por que preço alcançaríamos esse adiantamento? Compensaria a ele os recursos gastos para conquistá-lo? Não me parece [...] Humaitá é hoje objetivo secundário. Creio, pois, que o devemos comprar o mais barato possível e termos junto todos os nossos recursos para a aquisição do principal. Se para a compra for necessário o assalto, este, a meu ver, só convirá se for dado depois do emprego dos meios que aconselha a arte para torná-lo menos dispendioso e nunca antes do emprego destes meios.<sup>29</sup>

Muitos, também, eram os que defendiam a tomada imediata de Humaitá. O Presidente Mitre, por exemplo, escrevia de Buenos Aires, a 27 de maio de 1868, ao General Gelly Y Obes que

[...] embora fosse possível deixar Humaitá na retaguarda ocupada pelo inimigo lançando uma expedição irresistível ao interior, as regras da guerra ensinam que aquele que deixa atrás de si obstáculo que não soube ou não pôde vencer, está de antemão derrotado. [...] Agora, quanto ao assalto a Humaitá, considerado isoladamente, é operação tão decisiva quanto séria [...]. Se nos apoderássemos de Humaitá à viva força, decerto que a

guerra findaria ali moralmente; se, porém, fossemos rechaçados, teríamos de volver à empresa, como se nada tivéssemos feito até agora. [...] moralmente, tanto se arrisca numa pequena expedição ao interior, como num ataque a Humaitá; num e noutro caso, nem as pedras seriam menores, nem maiores os perigos; os resultados da tomada de Humaitá à viva força seriam desde logo mais fecundos.<sup>30</sup>

Assim é que Caxias, optando pela tomada mais rápida possível, ordenou, em 16 de julho de 1868, o bombardeio prévio com a artilharia dos 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> Corpos brasileiros e demais aliados, mais a artilharia da Marinha, e o assalto às trincheiras de Humaitá com as forças do 3<sup>o</sup> Corpo de Exército, sob comando de Osório.

Como não houve fogo de contrabateria por parte dos paraguaios, Caxias animou-se com a perspectiva de que a fortaleza estivesse vazia e, portanto, podendo ser conquistada tranquilamente. Tal fato o animou a investir sobre a fortaleza e, assim, ordenou a Osório que reconhecesse a posição e, se possível, a atacasse. As tropas sob comando deste general compreendiam um corpo de cavalaria (que lutou apeado), quatro brigadas de infantaria, um batalhão de engenheiros e uma brigada de artilharia de campo.

Vários, porém foram os problemas ocorridos durante o assalto, especialmente após Osório chegar ao primeiro fosso, dentre eles: tanto a artilharia quanto a infantaria paraguaias, que se encontravam em silêncio e ocultas, tornaram-se ativas; as baixas brasileiras tornaram-se, em terreno descoberto e sem proteção natural, demasiadas; a artilharia brasileira não obteve um grande efeito, dado que as trincheiras eram de terra; as fortificações paraguaias (fossos, bocas de lobo, *abatisses* e trincheiras) eram bem construídas; o terreno estava coberto de brejos e lagoas. Dessa maneira, além do ataque malograr, Osório amargou 1.019 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos<sup>31</sup>.

O *Diário do Exército* nos dá conta do volume de fogo de artilharia despejado sobre Humaitá: 3.666 tiros, um dos maiores bombardeios preparatórios de toda a guerra, ao

qual “o inimigo deixou de responder, tendo-o apenas feito contra as forças dos mesmos corpos de Exército que avançaram contra as suas trincheiras”<sup>32</sup>.

Fazendo uma comparação do ocorrido neste assalto com as ocorrências da Primeira Guerra Mundial, Fragoso nos mostra que Caxias dispunha, em terra, de 155 peças de artilharia para bater posições entrancheiradas de Humaitá, mas que

[...] ainda assim não bastava à solução dos problemas que os aliados tinham diante de si. Como peças de sítio, só se poderiam considerar, quando muito, os Whitworth de 32 e os La Hitte de 12, e o seu número era incontestavelmente irrisório; a sua ação eficaz ficava [...] restringida unicamente aos alvos vivos; contra as trincheiras, [...] era quase nulo o efeito dos projéteis. [...] lembrando-nos de quanto ocorreu na última guerra mundial. Tratava-se, como no Paraguai, embora em escala mais ampla, de atacar um inimigo habilmente entrancheirado no terreno e [...] o que se reclamou em altos brados [...] foi artilharia abundante e de grande poder balístico. [...] Quando hoje estudamos qualquer desses ataques, o que logo nos salta à vista é a pobreza dos aliados de 1865-1870, no que concerne à artilharia, em contraposição à riqueza dos de 1914. Quanto ao emprego propriamente dito do material, sem dúvida estava-se longe da perfeição que se atingiu na última guerra europeia. Todo o apoio dos ataques reduzia-se a uma preparação prévia; a artilharia não podia acompanhá-los por falta de material com os necessários predicados e até mesmo por falta de doutrina. Feito o bombardeio prévio [...], as bocas de fogo em geral silenciavam e os infantéis arremetiam contra o objetivo. É, pois, natural que, depois de se abrigarem para escapar à neutralização prévia, os defensores ganhassem seus postos, a fim de repelir com eficácia os atacantes.

Por isso, eram os assaltos operações que exigiam grande dispêndio de material humano.<sup>33</sup>

Humaitá só seria ocupada pelos aliados em 25 de julho de 1868, após seus últimos defensores evacuarem-na, seguindo para o Chaco, na margem direita do Rio Paraguai. No interior desta fortaleza, os aliados capturaram: 177 canhões, estativas de foguetes e farta munição, armamento e 90 carros. Emílio Jourdan calcula que, até esta altura da guerra, os paraguaios haviam perdido 80.000 homens (em combate ou prisioneiros e doentes), 271 peças de artilharia e sete estativas de foguetes, além de muitos outros materiais<sup>34</sup>.

O diplomata, ex-militar, escritor erudito inglês Richard Francis Burton, em carta para um amigo, denominado apenas como “Z”, datada de 24 de agosto de 1868, ridiculariza e menospreza a posição fortificada paraguaia

Depois de um olhar de puro espanto, minha primeira pergunta foi – onde fica Humaitá? Onde estão os “polígonos regulares da cidadela de Humaitá?” Onde está o “grande baluarte que era considerado a pedra fundamental do Paraguai? Eu a vira ser comparada a Silistria e Kars [...] a Sebastopol [...] ao Quadrilátero, que aterrozizou a Itália; a Luxemburgo, tão cara à França; a Richmond, que por tanto tempo manteve as forças unionistas em apuros, às baterias blindadas de Vicksburg e às defesas bem protegidas Gibraltar. Será

que essas pobres barbetas, esse acampamento entrincheirado sem praça-forte [...] são os mesmos que resistiram a 40.000 homens, para não falar nos coraçados e canhoneiras, e que suportaram um cerco de dois anos e meio? Cheguei à conclusão de que Humaitá foi um monstruoso engodo e que, como restante do público, eu fora induzido a acreditar que o ponto mais fraco da campanha paraguaia era o mais forte.<sup>35</sup>

Burton, visitando Humaitá quase um mês após sua queda e observando-a apenas brevemente, não notou – como percebiam os veteranos defensores e assaltantes – que sua verdadeira força não estava em trabalhos de alvenaria, semelhantes às fortalezas que citou, mas sim, no fato de ser muito elevada em relação ao Rio Paraguai –, inviabilizando um bombardeio preciso por parte da Esquadra, que estava bem dotada de artilharia pesada<sup>36</sup> – e de que seus entrincheiramentos de terra e madeira podiam ser prontamente refeitos após um bombardeio<sup>37</sup>.

Com a queda de Humaitá, Caxias transferiu todo o 2º Corpo de Exército, sob comando do General Argolo Ferrão, mais depósitos, hospitais, tribunais militares e outras repartições, que se encontravam em Corrientes e Tuiuti, para esta nova praça aliada.

Em 19 de agosto, os 1º e 3º Corpos de Exército brasileiro e unidades uruguaias iniciam sua marcha para o norte, em demanda do Exército paraguaio, enquanto o 2º corpo permanecia em Humaitá. Mas a guerra ainda estava longe de terminar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVERINA, Juan. *La Guerra del Paraguay: desde la invasion de los aliados al Paraguay hasta Curupaity*. Buenos Aires: Circulo Militar, 1933.

BONALUME NETO, Ricardo. Novas Lições da Guerra do Paraguai. In: CADERNO MAIS, *Folha de São Paulo*, 9 de novembro de 1997.

BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1897.

BURTON, Richard Francis. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

CAMPBELL, R. Thomas. *Engineer in gray*. Jefferson: McFarland & Company Publishers, 2005.

CAXIAS, Luis Alvez de Lima e Silva, Duque de. Diário do Exército em operações sob comando em chefe do Exmo. Sr. Marechal de Exército Marquez de Caxias. Rio de Janeiro: *Revista do IHGB*, Tomo 91, v. 145, 1926.

COTNER, Robert C.. As experiências do Capitão James H. Tomb na Marinha brasileira – 1865-1870. in: Edição Especial da *Revista Marítima Brasileira*, v.127, dez. 2007.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FORJAZ, Cláudio R. Hehl. *Espada Caxias*. Rio de Janeiro: 2005.

FRAGOSO, Augusto de Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

GRIFFITH, Paddy. *Battle tactics of the Civil War*. New Haven and London: Yale University Press, 2001.

JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1982.

JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1890.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEUCHARS, Chris. *To the bitter end*. Westport: Greenwood Press, 2002.

MORILLO, Stephen. PAVKOVIC, Michael. *What is military history?* Lancaster: Polity Press, 2006.

NOSWORTHY, Brent. *The bloody crucible of courage*. New York: Carrol & Graf Publishers, 2003.

SCHNEIDER, A *Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguay*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902.

SOUZA JUNIOR, Antonio de. Guerra do Paraguai. In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1985, Tomo II.

SOUZA, Octaviano Pereira de. História da Guerra do Paraguai. *Revista do IHGB*, tomo 102, vol 156 (2º de 1927). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

THOMPSON, *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> MORILLO, Stephen. PAVKOVIC, Michael. Lancaster, Polity Press, 2006, p. 01.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. . São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.17. 3

<sup>3</sup> As vertentes revisionista e pós-revisionista discordam entre si, basicamente, naquilo que toca às causas da Guerra do Paraguai, sendo que a primeira propõe que as origens do conflito vinculam-se aos interesses imperialistas britânicos na região do Prata, ao passo que a segunda desconsidera que tais interesses seriam determinantes como causa do conflito. Entre os representantes do revisionismo, destacamos o jornalista Júlio J. Chiavenato e dentre os pós-revisionistas Francisco Doratioto. Para uma melhor apreciação das polêmicas entre os dois blocos, veja-se: BONALUME NETO, Ricardo. Novas Lições da Guerra do Paraguai. In: CADERNO MAIS, , 9 de novembro de 1997.

- <sup>4</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_do\\_Paraguai#/media/File:Guerra\\_do\\_Paraguai-Opera%C3%A7%C3%B5es\\_Passagem\\_Humaita\\_1866-1868.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai#/media/File:Guerra_do_Paraguai-Opera%C3%A7%C3%B5es_Passagem_Humaita_1866-1868.png) Acesso em maio 2018.
- <sup>5</sup> Cf. SOUZA Octaviano Pereira de. História da Guerra do Paraguai. , tomo 102, vol 156 (2º de 1927), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929, p.225.
- <sup>6</sup> Sobre tal modelo de fortificação de campo de batalha, veja-se: GRIFFITH, Paddy. New Haven and London: Yale University Press, 2001, p. 127-128.
- <sup>7</sup> DORATIOTO, Francisco. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 237-238.
- <sup>8</sup> LEUCHARS, Chris. . Westport: Greenwood Press, 2002., p.140.
- <sup>9</sup> Sobre os torpedos, veja-se: NOSWORTHY, Brent. New York: Carrol & Graf Publishers, 2003, p. 126. Sobre seu uso especificamente na Guerra do Paraguai, veja-se: CAMPBELL, R. Thomas. Jefferson: McFarland & Company Publishers, 2005, p.133-158. COTNER, Robert C. As experiências do Capitão James H. Tomb na Marinha Brasileira – 1865-1870. in: Edição Especial da , v.127, dez. 2007. LEUCHARS, *op. cit.*, p. 142. THOMPSON, *op. cit.*, p. 130.
- <sup>10</sup> Posteriormente, López mandou dizimar o batalhão, além de fuzilar oficiais escolhidos por sorteio e dissolver a unidade espalhando os remanescentes da mesma entre vários batalhões do seu Exército. THOMPSON, . Rio de Janeiro: Conquista, 1968, p. 142.
- <sup>11</sup> NOSWORTHY, *op. cit.*, p. 594-608.
- <sup>12</sup> BEVERINA, Juan. Buenos Aires: Circulo Militar, 1933, p. 168-169.
- <sup>13</sup> THOMPSON, *op. cit.*, p. 141-145. O Barão do Rio Branco, anotador da obra de Louis Schneider, contesta Thompson ao afirmar que foi o Tenente-Coronel Wisner de Morgenstern, outro militar europeu (austro-húngaro) a serviço de López, quem projetou as defesas paraguaias em Curupaity. Cf. PARANHOS, J. M. da Silva. In: SCHNEIDER, . Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902., 2ª v., p. 92.
- <sup>14</sup> Para uma análise detalhada do plano de operações previstas para os generais Polydoro Jordão e Venâncio Flores, veja-se: FRAGOSO, Augusto de Tasso. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958, v. III, p. 143-147.
- <sup>15</sup> LEUCHARS, *op. cit.*, p. 153.
- <sup>16</sup> THOMPSON, *op. cit.*, p. 150.
- <sup>17</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, p. 148-149.
- <sup>18</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 239-241.
- <sup>19</sup> BEVERINA, *op. cit.*, p. 236-237.
- <sup>20</sup> JACEGUAL, Artur Silveira da Mota, Barão de. . Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1982.
- <sup>21</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. 3, p. 193-194.
- <sup>22</sup> FORJAZ, Cláudio R. Hehl. . Rio de Janeiro: 2005, p. 204.
- <sup>23</sup> SOUZA JUNIOR, Antonio de. Guerra do Paraguai. HOLANDA, Sérgio Buarque de. . São Paulo: Difel, 1985, Tomo II, v. 4, p. 307.
- <sup>24</sup> Citado em FRAGOSO, *op. cit.*, v. III, 1958, p. 233-234.
- <sup>25</sup> Para os números de baixas da batalha: BORMANN, José Bernardino. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1897, p. 69; para a situação do 4º de Artilharia a Pé: FRAGOSO, *op. cit.*, v. III, p. 376.
- <sup>26</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. III, p. 309-310. A outra ocasião em que os aliados se utilizaram de tal recurso foi quando uma divisão da Marinha, composta de navios, ultrapassou as baterias de Curupaity e atracou entre esta e Humaitá. A ligação se fazia, então, entre Palmar e Porto Elisário, numa extensão de 25 quilômetros. DORATIOTO, *op. cit.*, p. 302.
- <sup>27</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. 3, p. 443.
- <sup>28</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. 3, p. 454-455.
- <sup>29</sup> *Apud* FRAGOSO, v. 3, p. 471-472.
- <sup>30</sup> *Apud* FRAGOSO, v. 3, p. 474-475.
- <sup>31</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. III, p. 490-493.
- <sup>32</sup> CAXIAS, Luis Alvez de Lima e Silva, Duque de. Diário do exército em operações sob commando em chefe do Exmo. Sr. Marechal de Exército Marquez de Caxias Rio de Janeiro: , Tomo 91, v. 145, 1926, p. 444.
- <sup>33</sup> FRAGOSO, *op. cit.*, v. III, p. 523-524.
- <sup>34</sup> JOURDAN, Emílio Carlos. . Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1890., p. 152.
- <sup>35</sup> BURTON, Richard Francis. . Rio de Janeiro: Bibliex, 1997, p. 273.
- <sup>36</sup> 39 embarcações, com 186 peças de artilharia e 3.719 marinheiros. Cf. BURTON, *op. cit.*, p. 296.
- <sup>37</sup> BORMANN, *op. cit.*, p. 255.